

## A visão de experiência no processo de ensino e aprendizagem de LEs

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é propor uma reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem, a partir do estudo bibliográfico da obra de Miccoli (2010) que apresenta a *experiência* como ponto de partida para a promoção do ensino e aprendizagem. Miccoli (2010) acredita que quando alunos e professores explicam de que modo compreendem o processo de aprendizagem que vivenciam em sala de aula, eles se remetem a uma série de *experiências* que podem estar relacionadas a eventos das aulas e a acontecimentos localizados fora do ambiente escolar. A autora (2010) afirma que é “nas interações possíveis, no limite de sua estrutura biológica, que os processos mentais constituem o conhecimento, a partir da experiência” (MICCOLI, 2010, p. 27). Ela (2010) então, caracteriza o termo *experiência*, apresenta-o sob o viés da “*Biologia do Conhecer*”, e suscita instrumentos que podem promover a reflexão sobre *experiências* associadas ao ensino e aprendizagem. Esse estudo bibliográfico da obra de Miccoli (2010) é justificado pelo fato de mostrar a interface entre a *experiência* e a aprendizagem. Além disso, por meio dele, foi possível elucidar o termo “experiência” a partir de enfoques de diversas áreas do conhecimento, propiciando a apreensão de uma visão mais ampla do que é *experiência* e do que a envolve; compreender a *experiência* como parte integrante e relevante do processo de ensino e aprendizagem de línguas e notar que ela abrange diversos fatores, os quais, por sua vez, tornam complexa a sua conceituação. Sob essa perspectiva, no âmbito do processo de ensino e aprendizagem de línguas, é possível dizer que a *experiência* assume papel de suma relevância, visto que, juntamente com a interação, ela serve como veículo para que novas vivências cheguem e velhas possam ser remodeladas, transformadas.

**Palavras-chave:** experiência; ensino; aprendizagem.

**N**a obra bibliográfica em estudo, Miccoli (2010) procura elucidar o termo “experiência”, propondo interfaces desse conceito com o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (doravante LEs).

A partir desse propósito, a autora define o termo sob cinco enfoques distintos: “A Experiência no Dicionário”, “Experiência na Filosofia”, “Experiência na Filosofia Moderna”, “Experiência nas Ciências Cognitivas”, “O sentido das Experiências na Sala de Aula de Língua Inglesa”.

Lílian Maria dos Santos Carneiro Cavalcanti

CAVALCANTI, L.M.S.C. A visão de experiência no processo de ensino e aprendizagem de LEs. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017. Timóteo. Atas da [...]. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 00-00. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: ...

---

A autora (2010) inicia indagando seus leitores sobre o que se espera de uma aula. Uma das respostas possíveis apresentada por ela é: “a satisfação daqueles que dela participaram” (MICCOLI, 2010, p. 17). Miccoli (2010) afirma que ninguém gosta de sair da sala de aula com a sensação de que seu tempo foi perdido e conclui que a satisfação é uma condição para a possibilidade de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a autora (2010) propõe que se parta das experiências para se refletir sobre as possibilidades de aprendizagem porque acredita que quando alunos e professores explicam de que modo compreendem o processo de aprendizagem que vivenciam em sala de aula, eles se remetem a uma série de experiências que podem estar relacionadas a eventos das aulas e a acontecimentos localizados fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, Miccoli (2010) se dirige para a definição do que seria caracterizado “experiência” e afirma que conceituar o termo é tarefa complicada, pois há várias definições possíveis, as quais ampliam o entendimento do que é experiência, na busca da compreensão dos acontecimentos em sala de aula e sua relevância para transformar o processo de ensino e aprendizagem de LEs.

A autora (2010), então, parte para a elucidação das definições apresentadas, tomando, como ponto inicial, aquelas advindas de consulta ao dicionário e dos registros filosóficos.

No Dicionário Aurélio (FERREIRA, A. B. de H. 1999 *apud* MICCOLI, 2010), são apresentados sete sentidos para o termo “experiência”. Entre eles, faz-se oportuno destacar os que relacionam o termo ao “conhecimento”, objeto de estudos em questão. São eles: “conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos” e “conjunto de conhecimentos individuais ou específicos que constituem aquisições vantajosas acumuladas historicamente pela humanidade” (FERREIRA, A. B. de H. 1999 *apud* MICCOLI, 2010, p. 19).

Neste ponto, já podemos observar uma interface entre o conceito de experiência e o conhecimento, fato este que inaugura a relação que será construída entre o termo experiência e o processo de ensino e aprendizagem de LEs.

No âmbito da Filosofia, a autora (2010) destaca que para Platão, “A experiência seria o conhecimento daquilo que flui ou é mutável, sendo caótica e ambígua por natureza (MICCOLI, 2010, p. 19). [...] Segundo ele, não existe possibilidade de experiência sem conhecimento” (MICCOLI, 2010, p. 20).

Já para Aristóteles, a experiência é gerada antes do conhecimento, porque, para o Filósofo, não há consciência sem que se tenha uma experiência dos sentidos. A partir desse ponto de vista, Aristóteles acredita que a experiência hospeda um mundo a ser interpretado pelos conceitos (MICCOLI, 2010, p. 19).

A partir dessas conceituações, Miccoli (2010) conclui que há uma dúvida sobre quantas experiências seriam necessárias para que o conhecimento se constituísse. Dessa forma, ela (2010) recorre a outros filósofos vinculados à Filosofia Moderna a fim de buscar elucidar o conceito.

---

Para Hegel (1991, *apud* MICCOLI, 2010, p. 21), “a experiência tem um caráter dialético. [...] conhecimento e experiência são uma coisa só, porque aquilo que é percebido como exterior desaparece na consciência e, nela mesma, se constitui como realidade ou conhecimento”.

Para Dewey (1859 *apud* MICCOLI, 2010, p. 21) “não há como entender a experiência como fenômeno meramente cognitivo, porque não é possível separar a experiência — uma interação contínua do ser vivo com os outros seres vivos, em um entorno físico e social — desse meio”.

Cabe ressaltar a importância da visão de Dewey, na medida em que ele relaciona a experiência à interação e ao contexto em que ocorre, elementos estes considerados chave para o processo de ensinar e aprender LEs. Ademais, segundo Miccoli (2010) o conceito de experiência concebido por Dewey é orgânico, visto que tem como base “uma concepção do ser vivo como organismo natural que vive, evolui e se desenvolve em um meio, [...] em um processo no qual tanto os seres humanos quanto o meio se transformam”.

A partir da reflexão de Dewey (1859) acerca da experiência, Miccoli (2010) entende que a fim de que a experiência tenha significado, é preciso que haja reflexão, do contrário, apenas ocorrerá uma tentativa em um processo, sem que se perceba o seu sentido. A autora (2010) acredita que quando a experiência passa por um processo de reflexão há transformação. Segundo ela (2010), a experiência é, nesse sentido, uma condição para uma ação futura transformante e transformadora.

De acordo com Miccoli (2010), quando alguém vive uma situação, está vivendo mais do que uma, já que passa por uma série de interações consigo mesmo, com os outros, com os objetos, com o meio etc., e é a capacidade de compreender a relação entre o experienciar e o experienciado que confere valor à experiência. Assim, para que essa experiência tenha significado, exige-se reflexão.

Ao partir para a descrição da visão de experiência sob a ótica da cognição, a autora afirma que existem cinco dogmas apontados como responsáveis pela manutenção da experiência como aspecto que acompanha a cognição. São eles:

1) a concepção da existência de uma realidade que independe da compreensão do ser humano. “Nessa concepção, a razão espelha a realidade, o que é expresso pela ciência como objetivismo” (MICCOLI, 2010, p. 24);

2) a subordinação da Epistemologia à Ontologia. “Cria-se uma situação inusitada, quando a Epistemologia está subordinada à Ontologia, porque a maneira de se investigar um fenômeno fica restrita à maneira como esse é definido” (MICCOLI, 2010, p. 25);

3) Dicotomia entre objetivismo e subjetivismo. “Essa dicotomia torna a discussão científica sobre a experiência especialmente complicada, porque ela é, por definição, pessoal. Assim, ela deve ser superada, para a compreensão da experiência como um fenômeno complexo” (MICCOLI, 2010, p. 25);

---

4) A exclusão do organismo no estudo de fenômenos cognitivos. “Essa exclusão decorre da concepção da razão como fenômeno que independe do organismo” (MICCOLI, 2010, p. 25);

5) A obsessão com um sujeito individual, independente e isolado. “Nessa perspectiva, considera-se como unidade apropriada para a análise de fenômenos cognitivos o indivíduo — seu corpo e sua mente como entidades que são autônomas e isoladas” (MICCOLI, 2010, p. 25).

A fim de conceber a experiência como algo vivo, a autora (2010) salienta que é preciso rejeitar esses dogmas, o que é reiterado pela “*Biologia do Conhecer*” que compreende duas máximas: “tudo é dito por um observador a outro observador que pode ser ele mesmo” e “viver é conhecer, conhecer é viver” (MICCOLI, 2010, p. 26).

Nessa teoria, de acordo com Miccoli (2010), acredita-se que os seres humanos se constituem em sistemas que englobam um conjunto de componentes e relações entre esses componentes. Desse modo, as características do sistema são geradas a partir das relações entre as partes que o compõem, de forma circular, em consonância com o meio em que se encontram.

Sob esse ponto de vista, “estamos biologicamente determinados e inseridos em um meio do qual fazemos parte, com nossas histórias individuais, em relação constante com outros seres humanos e não-humanos, compartilhando outra história” (MICCOLI, 2010, p. 27).

A autora (2010, p. 27) afirma ainda que no processo de interações com o meio, se os envolvidos refletem sobre suas experiências, como observadores, pode-se constatar que a experiência é aquilo que eles podem observar. Além disso, qualquer maneira de se referir a essa experiência é secundária à experiência em si. Miccoli ressalta que é “nas interações possíveis, no limite de sua estrutura biológica, que os processos mentais constituem o conhecimento, a partir da experiência” (MICCOLI, 2010, p. 27).

A partir dos estudos e análises realizados, Miccoli (2010) propõe uma definição para o termo “experiência”, relacionando-o às práticas vivenciadas no meio escolar:

a experiência é um processo por ter a ver com relações, dinâmicas e circunstâncias vividas em um meio particular de interações na sala de aula, a qual ao ser narrada deixa de ser um acontecimento isolado ou ao acaso. O processo reflexivo da narrativa oferece a oportunidade de ampliar o sentido dessa experiência e de definir ações para mudar e transformar seu sentido original bem como aquele que a vivenciou (MICCOLI, 2010, p. 29).

A definição de experiência proposta por Miccoli (2010) é considerada de suma relevância para a apreensão desse conceito no âmbito do ensino e aprendizagem de LEs, visto que a autora situa o termo no contexto de ensino e aprendizagem, descreve-o como um processo e volta-o para a sua relação com a interação.

Miccoli (2010) afirma que tal concepção de experiência como processo é um construto relevante para a pesquisa em sala de aula, visto que entende que ao se explorar o conteúdo de experiências citadas por professores, é possível conhecer mais sobre o processo de ensinar.

---

Da mesma forma, as experiências relatadas por estudantes possibilitam conhecer mais sobre o processo de estudar e aprender (MICOLLI, 2010, p. 30).

No concerne ao sentido das experiências na sala de aula de língua inglesa, a autora (2010) aponta para o fato de que os resultados advindos de pesquisas sobre depoimentos de alunos e professores acerca do que vivenciaram no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa permitem explorar os processos e dinâmicas relacionados às experiências, trazendo à luz questões recorrentes e peculiares à sala de aula.

“Essa recorrência sustenta a concepção das experiências como mais do que apenas vivências pessoais, individuais e solitárias. São historicamente situadas e se entrelaçam com as experiências pessoais de outros indivíduos, formando uma teia cuja compreensão exige a consideração de muito mais do que apenas os conteúdos de depoimentos. [...] Assim, as experiências são uma porta de entrada para a mudança, porque, à medida que aquele que vivencia algo e tem a oportunidade de refletir sobre sua experiência, pessoalmente, ou com a mediação de um pesquisador, abre-se espaço para uma investigação de eventos relacionados, que pode ter implicações para outra compreensão da própria experiência ou para a revisão das atitudes que fazem com que o evento seja concebido da maneira como o é.” (MICCOLI, 2010, p. 31).

Nesse sentido, a autora salienta que toda experiência revela algo importante para quem a relata e é “esse conteúdo que deve ser melhor explorado por meio de perguntas simples, como, por exemplo: ‘A que outros eventos uma experiência é associada?’. ‘Há ligação com outras experiências, quais?’, ‘Há similaridade entre experiências relatadas por pessoas diferentes?’, ‘Há diferenças? Quais são elas?’. Ao se explorar o conteúdo de experiências reportadas por professores, conhece-se mais sobre o processo de ensinar, facilitar ou orientar. O mesmo acontece com as experiências relatadas por estudantes; elas permitem conhecer mais sobre o processo de estudar e aprender (MICOLLI, 2010, p. 30).

Miccolli (2010) afirma que “a investigação de experiências traz à tona relações, dinâmicas e circunstâncias vivenciadas ao longo das interações entre professor e estudante, ou entre estudantes em uma sala de aula, revelando que os aspectos social e afetivo, i.e., das emoções vivenciadas, têm papel central na compreensão do processo de ensino e aprendizagem” (MICCOLI, 2010, p. 30).

Sobre esse processo de transformação, Miccoli (2010) acredita que, a partir da reflexão sobre a experiência, podem surgir implicações que geram outra compreensão dessa experiência ou a revisão das atitudes que possibilitam que determinada experiência seja concebida da maneira como é. A autora (2010) ressalta que “desse ponto para uma ação transformadora, a distância é pouca, passando por ponderações e questionamentos que, no mínimo, permitem uma visão ampliada da experiência narrada” (MICCOLI, 2010, p. 31).

Miccoli (2010) finaliza afirmando que, com o intuito de suscitar experiências associadas ao ensino e à aprendizagem, alguns dos instrumentos que podem promover a reflexão são:

---

“autobiografias, diários, narrativas, sessões de visionamento de vídeos, entrevistas, fotografias ou desenhos, bem como projetos de pesquisa-ação; os quais, associados a um interlocutor atento e questionador, abrem portas para processos e dinâmicas além da experiência, possibilitando uma compreensão ampliada de seu sentido e a possibilidade de mudança e transformação” (MICCOLI, 2010, p. 31).

A partir do estudo bibliográfico dessa obra de Miccoli (2010) foi possível elucidar o termo “experiência” por meio de enfoques de diversas áreas do conhecimento, propiciando a apreensão de uma visão mais ampla do que é a experiência e do que a envolve. Ademais, foi possível compreender a experiência como parte integrante e relevante do processo de ensino e aprendizagem de línguas e notar que ela abrange diversos fatores, os quais, por sua vez, tornam complexa a sua conceituação.

Além disso, o texto permitiu entender que nossas experiências de vida compõem o que já sabemos do mundo e, no processo de interação, estas mediam o que ainda vamos aprender. Sob essa perspectiva, no âmbito do processo de ensino e aprendizagem de LEs, podemos dizer que a experiência assume papel de suma relevância, visto que, juntamente com a interação, ela serve como veículo para que novas experiências cheguem e velhas possam ser remodeladas, transformadas, reiterando, assim, o caráter orgânico desse processo.

Essa obra é considerada relevante para quem se dedica a ampliar seus conhecimentos sobre o que deve ser considerado no processo de ensino e aprendizagem de LEs, uma vez que possibilita uma ampliação acerca dos processos que estão em interação e que envolvem uma aula de LE, bem como permite refletir sobre o olhar do professor para considerar o que ele e os alunos carregam como vivências, experiências que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem e que, de certo modo, estão imbricadas nesse processo.

Por fim, o texto permite que os professores possam refletir sobre suas práticas, partindo das experiências que eles próprios carregam, e, imersos em um processo interativo consigo mesmos e/ou com outros interlocutores, tenham condições de ressignificar suas experiências e práticas, incorporando outros elementos às suas aulas, explorando o universo das experiências e, quem sabe, desse modo, possam transformar o processo de ensinar e aprender, aprimorando-o.

### **Referência bibliográfica**

MICCOLI, L. A experiência como ponto de partida. In: MICCOLI, L. *Ensino e aprendizagem de inglês: experiências, desafios e possibilidades*. São Paulo: Pontes Editora, 2010. p. 17-32.